

UMA VELHA NOVIDADE: O INTEGRALISMO NO SÉCULO XXI

Por *Márcia Regina da Silva Ramos Carneiro*



Resumo: O movimento integralista, fundado em 7 de outubro de 1932, com a criação da Ação Integralista Brasileira, mantém a sua continuidade, ao longo de oitenta anos, pela ação de sua militância. Os militantes da atualidade consideram-se a 4ª. geração do movimento, defendendo a Doutrina do Sigma e o sonho de construção do Estado Integral. Neste novo Estado, se alcançaria, então, a Quarta Humanidade, uma nova sociedade, na qual o novo homem estaria, através do seu ofício, integrado à Pátria, sob as bênçãos de Deus.

Title: Some old news: the integralism in the 21st century

Abstract: The integralist movement, founded on October 7, 1932, with the establishment of the Brazilian Integralist Action, maintains its continuity, throughout eighty years, by the action of its militancy. Today's militants consider themselves the fourth generation of the movement, defending the Sigma Doctrine and the dream of building the Integral State. In this new State, they would reach the Fourth Humanity, a new society, in which the new man would be, through his office, integrated to the Motherland, under the blessings of God.

“A América do Sul vai erguer-se pelo milagre do Brasil. O Brasil caboclo, o Brasil forte, o Brasil do sertão, o Brasil bárbaro e honesto, num ímpeto selvagem, está se levantando com as novas gerações.

É o despertar de uma Nação.

É um destino que se cumpre.

É a resposta da Atlântida. Não mais misteriosa terra que emergia no Passado, mas a gloriosa terra que está emergindo no presente, para dominar o Futuro, com a força de uma nova civilização.”

A distância no tempo, oitenta anos, não afasta os “neointegralistas” de suas crenças na atualidade da promessa de revolução restauradora do integralismo. Com ela, busca-se, ao final da jornada, alcançar a Quarta Humanidade, a civilização do “Último Ocidente”. Para uma nova geração integralista, a Atlântida do futuro será a sociedade

ordenada e hierárquica que possibilitará a eternização de uma sonhada utopia, num retorno ao tempo cíclico medieval, harmonizado pelo controle do trabalho sob a Força Providencial que rege o Destino dos Povos. Então, a ordem e a harmonia serão garantidas pela força da ideia, pelo Estado Integral, através da ordenação corporativa, com a estagnação da dinâmica histórico-social, com o fim da luta de classes, mas, sobretudo, pela Revolução do Espírito, pela consolidação da soma, pela exclusão das diferenças, que é representada pelo Sigma, símbolo de uma totalidade que inclui somente as filosofias escolhidas, as que definem a natureza espiritual do homem e da sua vocação para convivência harmônica sob a ordem moral cristã-católica.

A nova geração do movimento, que se autoproclama a quarta, considera que a história do integralismo ainda está por se resgatar e por se construir. E, nesta via percorrida pelo movimento, o integralismo e a própria militância integralista, ganha contornos específicos na passagem de gerações e em suas intercessões. Gerações que não se definem somente pelos limites da idade, mas por práticas militantes que lhes caracterizam em diversos contextos e se misturam nas experiências particulares e comuns.

Assim, as gerações distinguem-se, na análise aqui desenvolvida, como a da primeira geração, a que se forma pela militância na Ação Integralista Brasileira, a AIB (1932-1937/38) sob a Chefia inquestionável de Plínio Salgado; sendo a segunda, a do período de vigência do Partido de Representação Popular, o PRP, com a organização da Confederação dos Centros Culturais da Juventude, a CCCJ; a terceira, com o movimento que se “re-forma” após a morte de Salgado e a retomada da organização sem o Chefe, com a incorporação de jovens que não teriam vínculo anterior com o integralismo, mas que ainda podiam contar com a liderança de militantes da AIB; e, finalmente, a quarta, a de grupos que se formam independentes, a partir de janeiro de 2005, e que particularizam as suas interpretações, assimilações e divulgação doutrinária, concorrendo entre si pela posse do verdadeiro conhecimento da Doutrina do Sigma. As duas últimas gerações inovam, também, pelo uso das ferramentas cibernéticas, propagandeando o movimento através de sites, redes sociais, como orkut, facebook e blogs.

Como doutrina e utopia, o movimento integralista insiste na permanência, na continuidade e unidade, porém, nos contextos, as ideias e a militância sofreram as ações

do Tempo. Quanto à produção intelectual integralista, pode-se distinguir as fases de outra forma. No seu mergulho analítico da “Enciclopédia Integralista”, Rodrigo Christofolletti, resgata a gravação de uma conferência de Salgado, de 1968, na qual ele fala sobre as “três pontas do triângulo geracional do movimento integralista”. Para o Chefe Salgado, esta separação entre as gerações se daria da seguinte forma: de 1932 a 1938 estaria em ação a primeira geração integralista, a da AIB; entre os anos 1946 e 1952, do fim do exílio de Salgado em Portugal até a fundação dos Centros Culturais da Juventude, concentraria a segunda geração que, a partir de então, até 1966, em suas palavras “se consubstanciou como a terceira geração”

Para Chistofolletti, esta distinção geracional abarcaria a produção integralista nos seguintes períodos de ação efetiva:

“a) o período da criação da AIB, b) o que é caracterizado pelo exílio de Salgado em Portugal e a instituição do Partido de Representação Popular, c) e finalmente, a retomada das alegorias, símbolos e rituais do movimento, encampada em finais da década de 1950, a partir da celebração dos 25 anos de criação do integralismo e seus braços culturais.”

Assim, percebe-se que a própria Doutrina propagada nos anos 1930 é atingida pelas conjunturas e, nas distinções geracionais, a militância traça a sua própria via esforçando-se para, mais que parecer, realmente ser, cada qual, a geração escolhida pelo Chefe para cumprir o destino do movimento: construir a Quarta Humanidade.

As etapas, portanto, se definem pela própria militância, nas rupturas e na coerência que se busca no ideário integralista: as suas ritualísticas que incluem o retorno às alegorias, símbolos e rituais e a exigência de se conhecer a Doutrina para ser reconhecido como verdadeiro integralista.

E, por oito décadas, a história do integralismo se refaz com seus seguidores que evocam a moral solidificadora de um modus vivendi integralista. O ano de 1932 seria apenas o começo de construção dessa utopia, o ano do lançamento do Manifesto de Outubro. Daí por diante, o integralismo constituiu-se como movimento de massa importante da década de 1930 ao arregimentar milhares de militantes por todos os cantos do Brasil, até a sua extinção com a instauração do Estado Novo, em novembro de 1937. Durante este período de cinco anos, fizeram-lhe frente, principalmente, os

comunistas, seus principais adversários. Contra estes, a Ação Integralista Brasileira (AIB) levantou bandeiras, combateu nas ruas, articulou golpes. No bojo do anticomunismo integralista estava a aversão católica às ideias de transformação radical das bases econômicas, sociais, políticas e mesmo culturais do modo capitalista. Ainda, a crítica ao comunismo estendia-se ao liberalismo, como pensamento e prática que, de acordo com os intelectuais construtores da Doutrina do Sigma, mudara o mundo, rompendo a harmonia terrestre ungida pela Igreja.

Catolicismo e a organização nos moldes fascistas pautaram o modo de pensar e agir da AIB nos idos da década de 1930. O fascismo italiano era exaltado como forma, a estrutura do modelo de Governo, mas não no conteúdo, no seu conceito de Estado. Nos argumentos dos intelectuais da AIB, ainda que se exaltasse o modelo italiano, havia o esforço para se definir traços que diferenciariam os dois movimentos. A principal diferença recairia sobre a absorção “totalitária” do corporativismo fascista em comparação ao que os integralistas brasileiros definiam como “totalismo” – a incorporação primordial do homem em espírito e ofício numa ordem corporativa cristã.

Neste sentido, havia uma aproximação com o integralismo lusitano quanto à ideia de concepção orgânica da sociedade, da natureza social do homem, a partir das interpretações de Tomás de Aquino e outros pensadores do catolicismo conservador, contra a compreensão da inserção voluntária dos indivíduos através do “contrato social”, trazidos pelas teorizações liberais. Mas, se distanciavam quanto a forma de governo proposta pelos portugueses, a monarquia. O integralismo brasileiro se forjara republicano.

Havia, ainda, a necessidade de distinguir a AIB de outros movimentos conservadores e autoritários em voga na Europa. Tanto a Action Française, com seu monarquismo e catolicismo condenado pelo Papa Pio XI, quanto o nazismo, com seu evidente racismo, afastavam-se, segundo os integralistas, dos propósitos do movimento brasileiro.

No que se refere às definições mais amplas, o integralismo encaixa-se no conceito de fascismos, como os percebe Francisco Carlos Teixeira da Silva . Para Silva, os movimentos fascistas contêm elementos que advêm de diversos regimes que dão a tônica ao fenômeno, que apresenta certas características como: o antiliberalismo, o

antidemocratismo, o antisocialismo. Considerando o fascismo como grande unidade de análise que contém configurações políticas de traços diversos, com forte coerência interna, Silva distingue o fascismo de outros regimes de direita indicando a sua continuidade para além das perspectivas históricas que o geraram inicialmente e que tem como objeto central de ação a rejeição à alteridade social e individual.

A condição da exclusão no ideário fascista é sua tônica: a incorporação dos iguais e a exclusão dos que não pertencem ao grupo. Até a história se particulariza, até a memória é definida pelo grupo. As outras construções seriam inexatas, fatalmente errôneas. A história produzida internamente se torna a verdadeira, produzindo ela mesmo seus intérpretes.

O movimento integralista foi construindo a sua memória pelos limites definidos pela Doutrina do Sigma. E, tal como o fascismo italiano, o ideário integralista costurava-se (e continua a ser costurado) no avançar do movimento, atravessando a história, mas buscando a âncora num passado idealizado brasileiro: no “mito das três raças”, no espiritualismo “natural” do caboclo, a égide católica como parâmetro da moral nacional. Reunindo em suas fileiras militantes, intelectuais como Plínio Salgado, Miguel Reale, Gustavo Barroso – ícones da Chefia Nacional – além de Olbiano de Mello, San Tiago Dantas, Madeira de Freitas, o ainda padre Helder Câmara, do folclorista Câmara Cascudo, entre outros, a AIB os fez vestirem as camisas-verdes e seguirem em suas “bandeiras”, atravessando o país com suas marchas e caravanas doutrinárias. A imprensa integralista nacional e regionais repercutiam a Doutrina do Sigma que era lavrada nas arguições da prática militante. Esta se definia numa identidade peculiar, o do “camisa-verde”, que o militante deveria vestir física e espiritualmente durante a vida até além da morte, posto que, para os integralistas não haveria um fim nas batalhas, mas a sua continuidade nas “milícias do além”.

O lema “Deus, Pátria e Família” foi escolhido para indicar a forma de organização social e sua hierarquia, topo e base integrados na sua totalidade, e que seria constituída com a implantação do Estado Integral. O lema alcançava os mais longínquos recantos nacionais, os sertões, como queria Salgado, levando os ideais integralistas à uma população católica avessa às mudanças rápidas da modernidade cosmopolita e profundamente fiel às pregações da Igreja Católica. O integralismo, para muitos militantes representou a forma de estender às ruas o combate ao moderno infiel: o

comunismo. O ataque recrudescceu após a tentativa de tomada dos quartéis pelos comunistas em novembro de 1935, depois que o presidente Getúlio Vargas considerou ilegal a existência da Aliança Libertadora Nacional, frente de oposição ao governo que reuniu democratas liberais e comunistas. O levante comunista contido pelas forças armadas de Vargas acirrou a reação conservadora e o movimento integralista vivenciou 1936 como o “Ano Verde”. Núcleos se multiplicaram e tornaram forte a campanha se Plínio Salgado para eleição à Presidência da República que se daria em 3 de janeiro de 1938. Porém, a instalação da ditadura varguista, o Estado Novo, em 10 de novembro de 1937, provocou uma reviravolta nos planos da Chefia Nacional da AIB. O integralismo, como partido e movimento político, foi impedido de continuar existindo. Plínio Salgado, que havia acalentado e participado de negociações nos bastidores do golpe, foi preterido pelo ditador.

Os integralistas ainda tentaram voltar à cena política ativa. Dois ensaios de golpe foram articulados em março e maio de 1938. Este último, que teve a participação de setores liberais, foi contido nos jardins do Palácio Guanabara, a então residência da família presidencial. Nove integralistas foram fuzilados, tornando-se mártires, entre alguns outros que morreram em conflitos com a polícia, mas, principalmente, com comunistas.

A trajetória da atuação pública da primeira geração de militantes do integralismo, assim, terminava no putsch de 11 de maio de 1938. Perseguições, prisões, punições severas tornaram clandestinas as manifestações integralistas. Mas, o ostracismo imposto à militância não fez findar o ideal acalentado. A intenção de implantar o Estado Integral no Brasil acompanhou o exílio de Salgado em Portugal que, por sete anos viveu sob o regime de Salazar. E, no Brasil, apesar da maioria dos intelectuais que contribuiu para o forjar da Doutrina do Sigma, a terem deixado escondida em escaninhos de suas histórias pessoais como “arroubos da juventude”, um grupo fiel de militantes acreditou na capacidade do Chefe Salgado em manter vivo o ideal integralista.

Entre os anos 1930 e a segunda metade da década de 1940, a história do integralismo foi sendo construída de formas diversas por aqueles que a vivenciaram, entre militantes e seus opositores. A importância do integralismo, como movimento de massa nacional que foi, perdeu-se na ausência da sua história na História oficial do Brasil no processo de construção do mito Vargas. Além disto, a derrota dos fascismos

na Segunda Guerra tornaram inadequados os discursos por uma sociedade “totalista”, como defendia a AIB.

Plínio Salgado também parecera abandonar as premissas que defendera naqueles anos 1930 quando voltou do exílio de sete anos. Trouxera para o Brasil o ideal da Democracia Orgânica do governo salazarista e retornava como um eloquente biógrafo de Jesus Cristo. Mas, ainda que se jogando de corpo às regras burguesas, sua alma permanecera integralista.

Na volta, em 1946, encontrando já criado o Partido de Representação Popular, o PRP, Salgado assume, honrosamente, a liderança de uma nova militância. Da mais importante tríade de intelectuais da primeira geração integralista (1930-1937), só o Chefe Nacional continuou atuante na defesa dos ideais doutrinários. Miguel Reale, Gustavo Barroso, os outros dois nomes, não se filiaram ao PRP. Os argumentos foram, de um, a descontextualização do movimento, num mundo que já não era o da década de 1930; do outro, a impossibilidade de se pensar integralismo como um Partido político na disputa eleitoral liberal.

Entre as brechas das regras liberais democráticas partidárias que o integralismo condenava, o eterno Chefe Nacional criaria a Confederação dos Centros Culturais da Juventude (CCCJ) em 1952, no intuito de formar jovens propagadores do bastião integralista: a Doutrina do Sigma.

Deste modo, embora tivesse sido criada como setor juvenil do PRP, a CCCJ, seguiria outros propósitos que meramente o de estar no jogo democrático, representava a continuidade militante do ideal integralista, a sua segunda geração, apoiada nas resoluções do Manifesto de 1932, mas adequando-se à nova conjuntura mundial após a derrocada dos fascismos, acrescentando a experiência de Salgado em Portugal, sob o Estado Novo salazarista.

Durante a vigência do PRP, o integralismo parecia renovar suas forças. Em 1957, comemorou com grande pompa o Jubileu de Prata. Numa empreitada de popularização do movimento “reformado”, os integralistas recuperaram as marchas, lançaram jornais e o importante compêndio com obras dos seus intelectuais, a Enciclopédia Integralista, em 1959. Nela, estão as interpretações sobre o movimento das

“gerações” que Salgado considerou terem contribuído para a formação doutrinária até então.

O PRP foi, como todos os partidos políticos brasileiros, impedido de continuar existindo a partir do Ato Institucional Número 2 (AI-2) imposto pela ditadura militar, em 1965. Os jovens integralistas do período PRP, que eram chamados de “Águias Brancas” por Salgado, mantiveram-se fiéis à Doutrina e, principalmente, ao Chefe mesmo após a sua morte, em 1975.

Alguns desses “águias-brancas” permaneceram próximos ao Chefe nos períodos em que os setores mais conservadores da sociedade brasileira manifestaram-se contra a posse de João Goulart, quando da renúncia de Jânio Quadros à Presidência da República. Foram às ruas de São Paulo, no 19 de março, e do Rio de Janeiro, em 2 de abril de 1964, para as “Marchas da Família com Deus pela Liberdade”. Apoiaram e defenderam a implantação do golpe militar de 31 de março do mesmo ano e acompanharam Salgado em sua escolha pelo Partido criado na “farsa democrática” da Ditadura, a Aliança Renovadora nacional, ARENA, para seguir a vida pública.

Quando Salgado morre, em 1975, os “águias brancas” mais fiéis e alguns outros perreperistas se aliam à família Salgado com o propósito de recriação do movimento. Estas tentativas tiveram início ainda na década de 1970, vindas de alguns militantes da antiga AIB, saudosos de Salgado, como a de Jader Medeiros, ao lançar o jornal “Renovação Nacional”, em 1978 . Outra iniciativa veio Gumercindo Rocha Dórea, o “águia branca” que fora o presidente da CCCJ e se tornaria o principal editor das obras integralistas nas últimas três décadas, com a Editora GRD. Dórea e alguns outros companheiros tentaram reorganizar a “breve” ABC, a Associação Brasileira de Cultura, criada após a instalação do Estado Novo para manter as atividades culturais e assistencialistas da AIB, mas sem seu cunho político, proibido por Vargas. A ABC da década de 1930 logo teve fim após a reação integralista em inícios de 1938. A ABC dos anos 1970 também não vingou.

Entre os anos de 1975 e 1988, alguns ex-militantes da AIB e antigos “águias-brancas” publicaram livros, artigos, responderam a crônicas jornalísticas que tratavam do integralismo pejorativamente e ainda inauguraram praças com o nome do Chefe Plínio Salgado, como a de Rio Claro em 1977.

A década de 1980 seria a de adequação dos integralistas resistentes à uma militância sem o Chefe. Neste período, a sua viúva D. Carmela Patti doou documentos e objetos guardados pelo marido ao Arquivo Municipal de Rio Claro, cidade do Estado de São Paulo. Assim, o acervo pessoal do mentor da AIB encontraria um pouso, tornando este Arquivo, a partir de então, uma referência para pesquisa sobre o tema integralismo, mas também um “altar” para o venerado Chefe e lugar, portanto, de romaria de velhos militantes e das novas gerações que então estariam por ser gestadas.

Como parte das ações de manter a memória do integralismo, foi fundada a Casa Plínio Salgado na cidade de São Paulo, em 1981. Nesta ocasião, tentou-se a reorganização dos Centros Culturais com o objetivo de reviver a antiga prática integralista de doutrinação por encontros e cursos específicos.

Também, nos anos oitenta, no anúncio do fim da ditadura militar, a bandeira do integralismo passaria a ser disputada entre seus seguidores. Entre eles, o perrepista Anésio Lara Campos Junior, filho do primeiro casamento de Filomena Matarazzo, da tradicional família ítalo-paulista. Anésio criou a ANB, a Ação Nacionalista Brasileira, em 1983, o MIB, o Movimento Integralista Brasileiro e ainda refundou a Ação Integralista Brasileira, em 1985, tornando-se seu presidente. Houve reação da família Salgado e dos ainda fiéis integralistas por considerarem, esse ato, uma infiltração não autorizada dos que não conheciam a Doutrina do Sigma. Além da “usurpação”, havia outra ressalva dos antigos integralistas ao nome de Anésio por a sua ligação, publicamente reconhecida, com alguns grupos que se autodenominavam nacional-socialistas.

Neste sentido, os últimos anos da década de 1980 seriam decisivos para as definições de uma nova etapa para a militância que reivindicava a continuidade do integralismo. A disputa dava-se em torno da autoridade herdada, ou autoridade concedida pela família Salgado, contra aqueles que não respeitavam esta hierarquia.

Convocou-se, então, um Congresso, que aconteceria em 1989, na cidade de Niterói, Rio de Janeiro, e que deveria decidir a nova orientação para ao integralismo, incluindo a eleição da presidência da “nova” AIB. Este processo teve a participação direta da família Salgado; de ex-militantes da década de 1930; de partidários fiéis de Salgado no PRP e na ARENA; dos “águias-brancas”, os “porta-vozes” doutrinários; e

de alguns jovens, uns por ligações familiares com o movimento e outros que, sem terem tido proximidade anterior com o integralismo, passaram a conhecê-lo a partir das “pregações” de Salgado ou das homenagens que lhe fizeram após a sua morte.

Nesse Congresso decidiu-se, através de eleição, que o novo presidente da AIB seria o médico Sebastião Cavalcante de Almeida, que contava com apoio da “Ala Jovem do Rio” e da família Salgado. Na eleição disputada por Cavalcante e Anésio, o médico fora o vencedor e o advogado se tornava, então, vice-presidente.

As discussões durante este período giravam em torno da necessidade ou não da reorganização da AIB enquanto partido político. Foi cogitado o nome de Partido de Ação Integralista (PAI), com até a possibilidade de indicação de um nome para concorrer às eleições presidenciais de 1989. Sendo a participação partidária do integralismo um tema polêmico para grande parte da militância. Esta, ainda que aceitasse entrar no “jogo democrático” em 1935 e 1945, passaria a resistir com maior severidade à ideia de um “partido integralista”.

Nos meados de 1989, o aparente equilíbrio entre os grupos integralistas que se conseguiu no Congresso seria rompido com a renúncia do médico Cavalcante ao cargo de presidente e o retorno de Anésio a este posto. Mas, o maior impacto para as integralistas neste ano seria a morte de Carmela Patti. Carmela tinha se tornado a mais importante referência, a maior portadora da memória do Chefe e aquela capaz de, com sua benção, definir o rumo do integralismo de novos tempos. Assim pensavam os agora, definitivamente, órfãos do casal Salgado.

Porém, as “baixas” seriam superadas pela insistência de alguns militantes das três gerações que fortaleceram a identidade integralista no reencontro no Congresso de Niterói. As relações se fortaleceram e se tornariam bases para a constituição de uma nova rede. Entre os protagonistas da nova reorganização do movimento estavam o “velho militante” Arcy Lopes Estrella; o presidente da Casa Plínio Salgado, José Baptista de Carvalho, e o jovem morador da cidade de Rio Claro, Jenyberto Pizzotti. A estes se vincularam, de formas diversas, uma nova geração que estava despontando.

E esta década iniciou-se com a mobilização da “Ala Jovem”, do Rio de Janeiro, para criar o Partido Integralista (PI). Neste esforço, registraram os Estatutos do Partido Integralista no Registro Civil das Pessoas Jurídicas do Estado. Da corrente defensora da

necessidade da organização partidária, participaram alguns importantes líderes do chamado “neointegralismo” do século XXI. No entanto, as bases mais consistentes do movimento eram mantidas por aqueles que, no patamar hierárquico, eram respeitados por antiguidade e proximidade com o Chefe e clamavam a obediência à Doutrina fundadora, a de 1932, e aos Estatutos do movimento que pregavam a unidade em torno da ideia e não num Partido. Resgatava-se as premissas antiliberais e, principalmente anticomunistas num mundo já sem a força polar da União Soviética, que fora uma das grandes preocupações perrepistas. Considerava-se necessário revitalizar o espiritualismo das fontes doutrinárias e tornar a propor, em novos tempos, o novo integralismo, como continuidade do velho, mas renovado pela avaliação da história do próprio integralismo e, estrategicamente reelaborado na expectativa de aglutinar outros e novos interesses. O que permaneceria, pois continuidade, era a indubitável fidelidade ao Chefe e crença na possibilidade do despontar da Quarta Humanidade.

A fase que se inicia em 1990 foi, portanto, de cunhagem de uma nova etapa do integralismo. E, nesses novos tempos, a historiografia sobre o tema foi renovada em vários aspectos, a partir da escolha de “novos problemas” e no uso de “novas abordagens”. A importante literatura das décadas anteriores passava ao status de referências clássicas, principalmente as produções de Hélió Trindade, Marilena Chauí, René Gertz, José Chasin, Gilberto Vasconcellos, Hélio Silva, Ricardo Benzaquen de Araújo, Carla Brandalise, Ivan Alves, entre outros.

Ainda, o fim da ditadura abriu outras possibilidades de pesquisa, nos anos 1990, com a liberação da consulta a documentos do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) recém devolvidos aos seus Estados de origem e que foram depositados em Arquivos Públicos.

Também, a guarda do acervo de Salgado pelo Arquivo Municipal de Rio Claro, recebido por sua então diretora, Ana Maria Camargo, foi um fator importante para o impulso às novas pesquisas. Na década de 1990, este material foi amplamente utilizado por Rosa Maria Cavalari e Lidia Maria Vianna Possas, por exemplo, em suas análises sobre imprensa, organização e ações e reações ao movimento integralista da década de 1930. Contribuíram neste período, as pesquisas sobre fascismo italiano e nazismo no Brasil que se cruzaram com a história do integralismo, como nos trabalhos de João Fábio Bertonha e Ana Maria Dietrich.

E, esta geração de pesquisadores que despontava nos anos 1990, além de utilizarem as análises clássicas, as fontes disponíveis, aprofundaram-se no tema a partir de uma relação de proximidade mais “pessoal” com o objeto. Não no sentido de afinidade, mas no de entender que a troca “pessoal” das informações contribuía para a pesquisa acadêmica. Neste sentido, a História Oral, juntamente com a pesquisa de campo, passava a fazer parte da análise do integralismo a partir de outros vieses, mas com o cuidado e rigor da ciência História.

Deste modo, os estudos de Giselda Brito, da Universidade Federal Rural de Pernambuco abriram caminho para uma história do integralismo, com o apoio dos documentos do DOPS e depoimentos de militantes da AIB da primeira fase, na região Nordeste.

No Rio Grande do Sul, a partir da iniciativa conjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e da Pontifícia Universidade Católica deste Estado, sob as orientações dos professores René Gertz e Núncia Santoro Constantino, em projeto coordenado pelos historiadores Gilberto Calil e Carla Silva, foi desenvolvido o trabalho de organização de fontes e tomada de depoimentos de militantes da AIB e do PRP. O Projeto Organização e Ampliação do Acervo Documental do CD-AIB/PRP foi criado a partir da necessidade da comunidade acadêmica e dos diretores da Associação Cívico-Cultural Minuano, portadora dos documentos do PRP gaúcho, que sentiram a necessidade de preservação da memória integralista no Rio Grande do Sul, mas também brasileira. O Centro de Documentação, criado em 1995, instalado na sede da Associação, tornou-se referência para a pesquisa sobre o tema e, a partir de sua utilização pelos pesquisadores, abriu-se um importante espaço para a consulta e para a “experiência” de campo dos historiadores do integralismo. O Centro também se tornou lugar de visita para novos interessados pelos ideais integralistas, de uma nova geração, que o visitava para conhecerem melhor o movimento. Deste Centro surgiram pesquisas de referência, principalmente sobre o período perrepista, como se tem nos trabalhos de Gilberto Calil.

Em São Paulo, as investigações sobre o integralismo levaram os historiadores Renato Dotta e Alexandre de Almeida, em pesquisa antropológica, à Casa Plínio Salgado. Nela, vivenciaram os tempos da AIB e PRP, indo às reuniões e organizando seus arquivos e vendo nascer a terceira geração integralista. Os interesses dos

pesquisadores eram as relações entre integralismo e grupos de skinheads paulistas, para Almeida e as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através do jornal "Acção", para Dotta.

No Rio de Janeiro, o recolhimento de depoimentos de militantes do período da AIB, desde 1996, levou-me a Arcy Estrella e ao seu Centro Cultural Plínio Salgado, onde pude acompanhar “pari-passu”, também, o “amadurecimento” da terceira geração integralista. O nascimento desta geração, podemos localizar entre a morte de Salgado e a diversificação do movimento, em torno da interpretação da Doutrina, que se fará mais explícita, em inícios de 2005. Mas suas características mais importantes seriam forjadas nos últimos cinco anos do século XX e nos quatro primeiros do século XXI. Seguindo esse interesse pelos depoimentos orais, pelas representações ritualísticas, pela proximidade com uma outra história, o “novo integralismo” desses tempos passou a ser o foco de minha análise, com publicações, dissertação e tese dedicados à emergência, ainda meio nebulosa para os historiadores, dessa nova geração, que ainda também não tinha se auto- definido desta forma.

Convivi, assim, durante a pesquisa de campo, com aquele que considero o maior responsável pela rearticulação do integralismo de hoje: Arcy Estrella. O advogado Arcy fora membro da milícia integralista nos tempos da AIB da década de 1930 e participou do núcleo de Laranjeiras, na então capital da República. Sua trajetória integralista seguiu a do movimento: foi do PRP e se juntou aos seguidores de Salgado após a sua morte. Foi um dos organizadores do Congresso de Niterói, quando o advogado Anésio tentou cooptá-lo para que votasse a seu favor para a presidência da “nova AIB”. Mas ele manteve-se fiel à D. Carmela.

De seu Centro Cultural, localizado em um bairro de São Gonçalo, quase no limite com o município de Maricá, Arcy reuniu velhos e novos militantes de todas as partes do Brasil. Com uma cadernetinha, ele mantinha e fazia novos contatos com os nomes que iriam compor esta “etapa de transição” que deu ao integralismo da atualidade outras características que a difere das anteriores. Dali, do CCPS, ele publicou e editou os jornais dessa nova geração dos anos 1990 que se estenderia até um pouco depois de sua morte, em 2004. Apenas alguns meses depois do seu falecimento, com o I Congresso Integralismo para o Século XXI, desencadear-se-ia a auto-proclamada Quarta Geração integralista.

As distinções que permitem dar a esta geração particularidades que a diferenciam das demais são: entrada massiva de jovens sem relação familiar com o movimento e, principalmente, o uso da internet para a ampliação de rede de contatos e divulgação da Doutrina do Sigma e, principalmente, o fato desta geração tomar para si a responsabilidade de interpretar e adaptar o integralismo à era da globalização.

Ativos também foram outros antigos militantes, como José Baptista de Carvalho, então presidente da Casa Plínio Salgado, e Gumercindo Rocha Dórea, importantes “águias-brancas” que viveram a intimidade da família Salgado. Estes dois últimos comungavam do esforço de Arcy e, algumas vezes, deixaram a capital paulista para irem até o Centro Cultural Plínio Salgado participar das atividades festivo-doutrinárias. Mais alguns outros militantes da AIB e do PRP estavam sempre presentes. Deste período até os dias de hoje, saudosos e ativos integralistas se reuniam, e ainda se reúnem, para almoço no Restaurante Amarelinho, na Cinelândia, centro da cidade do Rio de Janeiro nos dias 7 de outubro, data de aniversário do Manifesto Integralista de 1932. Ali, além da confraternização, a reunião servia para atualizarem a militância e a fidelidade ao Chefe.

Para a divulgação do movimento, de seus ideais, Arcy editava o jornal Alerta, criado em 1995, com o qual conseguiu unir grupos de jovens que já se interessavam pelo integralismo e que queriam seguir seu exemplo de organização. Na sessão de cartas do Alerta, Arcy reproduzia algumas das mensagens recebidas. E, ao seguirmos a cronologia das correspondências, dos contatos que eram feitos, podemos acompanhar as “rotas” e redes de adesão de uma juventude ávida por se ligar a algum movimento que lhes falasse de nacionalismo, de governos fortes, de combate ao comunismo, de ações contra o aborto, contra o homossexualismo e, de maneira muito presente, estava a união desses “novos integralistas” contra o “banqueirismo internacional”. Das lutas levantadas, na que se contrapõe ao que consideram ação dos banqueiros internacionais, os “neointegralistas” recuperam os tons severos de Gustavo Barroso, o Chefe da Milícia da AIB, que acusava os bancos judeus de dominarem o mundo.

Os militantes contatados por Arcy através do jornal Alerta foram reunidos num encontro no CCPS em 3 de outubro de 1998. Na data, seriam comemorados os 66 anos do lançamento do “Manifesto Integralista” (07/10/1932) e o 50º. aniversário de casamento do casal Estrella. Na festa, em São Gonçalo, participaram militantes de

outras cidades fluminenses, além de convidados integralistas dos Estados de São Paulo, de Minas Gerais e de Brasília. Desta comemoração participaram também José Baptista de Carvalho e Gumercindo Rocha Dórea. Outros novos importantes nomes do novo integralismo estavam presentes, como Paulo Fernando da Costa Melo, diretor do Centro de Estudos Políticos, Tecnológicos e Culturais (CEPOTEC) de Brasília e ativista do Movimento Pró-Vida e Pró-Família; o fundador da Juventude Nativista Bandeira do Sigma, Nilo Barreto Junior, que fretou um ônibus que trouxe os paulistas para o Rio de Janeiro; jovens da Juventude Nacionalista Brasileira; além de alguns novos “intelectuais” da geração que se iniciava, como Murilo Cesar, Marcelo Magalhães, ambos da atual Frente Integralista Brasileira e Marcus Ferreira, um dos principais colaboradores dos jornais que se organizariam a partir deste encontro.

Ferreira escreveria em 2009 sobre a importância deste encontro que levou à criação do Núcleo Integralista do Rio de Janeiro. Marcus fez parte do Núcleo até 1999, quando este se dividiu em dois movimentos paralelos, a Associação Auriverde e o Centro de Estudos do Integralismo (CEDI). Segundo Marcus, a Associação Auriverde apoiava o jornal Ação Nacional, no intuito de formar a Ação Nacionalista (mais ampla do que o integralismo). O CEDI teria a intenção de organizar uma corrente nacional, aproximando-se da TFP, dos católicos conservadores marianistas, e de nacionalistas de esquerda. Marcus ainda afirma que, com o fim do CEDI, os seus membros do Rio de Janeiro se reestruturariam nos atuais Núcleos Integralistas do Estado do Rio de Janeiro (NIERJ).

Esses grupos que se definiam nesse momento passaram a se expressar por seus próprios periódicos, impressos ou virtuais. Arcy também seria editor e ou jornalista responsável dos jornais Idade Nova, o Informativo CEDI, o Avante; o Quarta Humanidade e o Ofensiva. E, se Arcy criara seu jornalzinho Alerta, nos anos 1990 usando a velha máquina de escrever e o mimeógrafo, a entrada dos jovens no movimento deu início à era dos cyberintegralistas no mundo do Sigma.

Cada um dos informativos criados neste período representava um grupo formado. A princípio, parecia que a antiga união reivindicada em torno da Doutrina do Sigma era uma sólida referência. Isto era o que desejava Arcy: que a “ideia” unisse os jovens em torno do sonho de implantação da Democracia Orgânica, da construção da Quarta Humanidade.

Mas, Arcy não se incomodava, a princípio, de unir “vozes discordantes”. Ele conseguiu juntar, desde a “velha militância” até os mais radicais “nacionalistas”, as tendências explicitamente pró-nazistas, já que a nova militância que nasce neste período carregava já em si tendências formadas anteriormente, dos mais diversos matizes. Os jovens já escolhiam o integralismo com uma “bagagem” ideológica anterior que levavam para o movimento, agregando à esta, o “ideal” integralista, a Doutrina do Sigma, como leitura da acumulada da produção integralista das “três pontas do triângulo geracional do movimento integralista”, sobre a qual escreveu Christofolletti.

Na nova reorganização do movimento, juntavam-se, com a nova militância, o mais conservador catolicismo, o movimento pró-monárquico, a admiração pela Sociedade Tradição, Família e Propriedade, a TFP e correntes ultranacionalistas. Nestas estavam setores das forças armadas descontentes com o sistema democrático reestabelecido após fim da ditadura militar; os nacional-socialistas do Rio de Janeiro, liderados por Armando Zanini; e correntes que mais radicalmente defendiam a implantação da chamada “terceira via”.

Neste período, um dos grupos mais ativos era a “Juventude Nativista Bandeira do Sigma” que participava de reuniões e atividades festivas no CCPS. Em São Paulo, os “Carecas do ABC” também se declaram integralistas, dizendo seguir também a doutrina de Plínio Salgado. A relação entre os “Carecas” e o integralismo vinha desde a década de 1980, através de Anésio Lara Campos Jr, que os “acolheu” na “sua” AIB.

Parte da nova militância se organizava em meios estudantis, principalmente católicos ou de tendências nacionalistas. Muitos dos jovens desse período trabalhavam no setor de serviços. Alguns eram militares de baixa patente. Mas, na tentativa de reorganização do integralismo, percebe-se a importância do apoio da velha militância para o reconhecimento dos “novos”, como verdadeiros integralistas.

Sobre este período, destaca-se a formação do Centro de Estudos Históricos e Políticos (CEHP) em Santos, Estado de São Paulo e a atuação da Casa de Plínio Salgado que ampliara as suas atividades e tornara-se centro aglutinador do movimento também em São Paulo.

As diferenças entre os grupos tornam-se mais aparentes nos periódicos que editavam que, neste período pareciam comungar dos mesmos propósitos, unicamente

por terem o mesmo editor/jornalista responsável: Arcy Estrella. No caso do jornal Idade Nova, nos primeiros números, estavam nele representados o militantes do grupo católico, da Juventude Nativista Brasileira Bandeira do Sigma, e a Juventude Nacionalista Brasileira.

O Idade Nova começou a circular em novembro de 1998 com edição casada outubro/novembro. Como porta-voz da Juventude Nativista Bandeira do Sigma, fundada em São Paulo, o jornal era organizado pelo “Núcleo de Estudos e Atividades inspiradas no Integralismo”, com base no município do Rio de Janeiro, e também tinha como propósito a “doutrinação e a propaganda da Doutrina do Sigma”

Alguns novos militantes demonstravam interesse em inserir o integralismo no contexto da International Third Position que foi definida como um “movimento espiritual com uma visão própria do mundo, que rejeita a separação entre esquerda e Direita, Socialismo e Capitalismo, imposta pelo pensamento moderno a povos e culturas.” Relacionavam, com este objetivo, os pontos convergentes dessa organização com o integralismo: contrária à “legalização” do aborto e ao controle artificial da gravidez, à eutanásia, ao divórcio, à homossexualidade, às experimentações genéticas em humanos e vivissecção, “já que contrariam a Lei de Deus e a Verdade Objetiva da maneira mais grosseira e porque negam os princípios de Vida que a Third Position assume como ideologia e Modo de Vida”.

Um dos temas usualmente abordados pela geração que se firmava, era a “questão sionista”. Também, neste tema, concordavam com a International Third Position quando consideravam o sionismo como uma “estrutura de poder de proporções colossais que envolve todo o globo” que estaria a serviço do Judaísmo Internacional. Consideravam, portanto, a existência de “conspiração sionista”, materialista, apátrida e internacional comandada pelos “banqueiros internacionais”. Nesta perspectiva, também defendiam a revisão da História, negando a existência do holocausto judeu. Ao comporem as redes de “afinidades ideológicas”, alguns jornais divulgavam em suas páginas a “Revisão Editora”, conhecida por seus livros de teor antissemita, que se propagandeava do seguinte modo: “Tudo o que você ouviu, viu e leu é mentira ou não? Só há uma forma de descobrir!”

As discussões sobre nacionalismo e racismo nestes periódicos, portanto, ultrapassavam os debates acerca da questão da formação étnica do povo brasileiro, algo que, para tanto para o “velho” como para o “novo” integralismo já estava definitivamente resolvido. Esta questão torna-se delicada quando é colocada em discussão a relação do integralismo com o antissionismo. Neste tema, sempre os escritos de Gustavo Barroso são resgatados para o que consideram ser a referência maior do integralismo para se demonstrar a distinção entre antissemitismo e antissionismo. Segundo os integralistas, a diferença estaria entre “não ser racista”, mas ser antiplutocrata. A “raça” judaica não seria o foco das acusações, mas sim uma “tendência judaica” à atividade financeira e, através dela, à atividade política em benefício dos seus interesses. Estas afirmações remetem-se às contidas na obra anônima: “Os Protocolos dos Sábios de Sião”, amplamente divulgada como propaganda antisemita. Nesta leitura, estariam sob o poder judeu, tanto o capitalismo, quanto o comunismo e mesmo “seitas secretas”, como a maçonaria.

A discussão sobre a diferenciação ideológica entre fascismo e integralismo também é constante. Recupera-se a diferenciação construída na década de 1930, sobre as divergências entre “totalismo”, inclusão do homem pelo Estado, defendida pela AIB e “totalitarismo”, a submissão do homem ao Estado, como o consideram na leitura feita pelos intelectuais integralistas sobre os fascismos.

Também, uma antiga prática usada pelo movimento, desde a década de 1930 seria repetida nos anos 1990, o de concentrar os periódicos integralista no “Sigma – periódicos reunidos” que era encarregado da distribuição nacional. Entre os periódicos distribuídos pela Sigma estavam: A Marcha, de Fortaleza, Ceará; O Sigma, de Nova Friburgo, Rio de Janeiro; o Alerta, de São Gonçalo (RJ); A Batalha, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, o Avante, de Niterói, (RJ) e o Idade Nova, com sede na cidade do Rio de Janeiro. A distribuição internacional ficava a cargo de Benito [Cissé], um jovem integralista que morava no exterior e que participava de reunião no CCPS. A intenção seria salvaguardar a fidelidade doutrinária ao integralismo, apesar de suas múltiplas leituras que afluíam internamente.

Entre os periódicos integralistas desta fase, ressalta o Informativo CEDI, criado a partir da organização do Centro de Estudos e Debates Integralistas. Arcy, como uma dos fundadores do CEDI, também seria o editor do Informativo. A liderança do CEDI

caberia a Marcelo Mendez que tinha a intenção de unir o integralismo à TFP e ao movimento Pró-Monarquista. Marcelo era uma dos mais ativos defensores do conservadorismo católico e do combate ao “comunismo ateu”. Seria criada uma linha de ação direta, a TANC – Trincheiras Avante de Núcleos Culturais, como forma de apoiar os núcleos integralistas que se formavam, via internet. Segundo os jovens integralistas, visava-se manter “a unidade entre eles e promover o intercâmbio de ideias entre os mesmos. Uma fonte inesgotável de inspiração, civismo e ideal pelo Bem do Brasil!!! ANAUÊ.”

Arcy foi o jornalista responsável pelo boletim do CEDI até a edição no.23. Quando deixou suas funções, foi substituído pelo jornalista gaúcho Dário Pompeu Di Martino. Marcelo exerceu a presidência do CEDI desde a sua fundação, como núcleo virtual, até 7 de dezembro de 2001, aniversário da morte de Salgado, incorporada ao calendário do “novo” integralismo. Uma crise emocional, que alguns afetos e desafetos relacionaram à discordâncias sobre as interpretações doutrinárias e contra a entrada dos “Carecas” no movimento, levaria Marcelo ao suicídio, em fevereiro de 2002. Matou-se no Mausoléu Integralista no Cemitério do Caju, onde estão enterrados os militantes mortos no ataque ao Palácio Guanabara em 11 de maio de 1938.

A crise do “novo” integralismo estava instalada e as correntes internas se reorganizavam em novos grupos, já sem a liderança do CEDI, com o afastamento de Arcy e o suicídio de Mendez. Já não estava mais sob o controle de Estrella. O novo integralismo multiplicara a rede iniciada com o seu esforço. Quando o “velho” militantes morreu, em janeiro de 2004, o “novo” movimento parecia fortalecido o suficiente para convocar um encontro nacional. A morte de Arcy também seria interpretada como a “hora” dos novos assumirem a total responsabilidade pelo movimento e pela Doutrina, principalmente, cuidando para que houvesse maior rigor em sua interpretação e divulgação.

Poder-se-ia inferir que nesta transição dos séculos XX ao XXI, o integralismo estaria vivenciando a “quarta ponta do quadrado geracional do movimento integralista”, segundo a divisão de Salgado; na formação da quarta geração, como se reconhecem. Assim, em torno da ideia de dar ao integralismo a unidade pretendida e um novo formato para o novo século, foi convocado o “1º. Congresso Integralista para o Século XXI” para os dias 04 e 05 de dezembro de 2004 na cidade de São Paulo. Os convidados

reuniram-se na sede da União Nacionalista Democrática, a UND, na capital paulista para nova tentativa de reorganizar a AIB. Na rua, os anarcopunks da Juventude Antifascista, levantando faixa com a frase "Fascismo nunca mais", manifestavam-se contra a reunião integralista, com distribuição de panfletos, apitaço, e repetindo as palavras de ordem dos anarquistas da Guerra Civil Espanhola: "Não passarão: nazistas e fascistas!". Os integralistas chamaram a polícia, que dispersou a manifestação. Os punks deixaram o local, não sem antes atrapalharem discursos e a entoação dos hinos nacional e Avante.

Neste encontro também participaram representantes do Partido de Reedificação da Ordem Nacional, o PRONA, da União Católica Democrática, do MV-Brasil, o Movimento pela Valorização da Cultura, do Idioma e das Riquezas do Brasil, alguns militares da ADESG, a Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra e da UND.

Dentro da sala, a oportunidade de unir os grupos dispersos numa única direção parecia estar se consolidando com o acordo da maioria. Porém, não com o consentimento de Jenyberto Pizzotti, o jovem de Rio Claro que esteve, em 1989, no Congresso de Niterói e que, se considerando o "herdeiro" indicado pela viúva Carmela para dirigir o movimento na ausência do Chefe, recusou-se a participar do evento. Ao fim do encontro, ficou decidida a fundação do MIB, Movimento Integralista Brasileiro, e do Conselho Nacional Integralista formado por 40 membros com a missão de "resgatar integralismo em todo Brasil". No entanto, houve um impedimento para o registro oficial do MIB por ter esta sigla sido registrada em 1983, pelo advogado Anésio, que também estava presente neste Congresso de 2004.

Um novo impasse se criou e as divisões se acirraram e tornou-se clara a incompatibilidade entre os grupos que se formaram desde a segunda metade dos anos 1990. Os "neointegralistas" discordavam entre si, principalmente, sobre as formas de interpretar a Doutrina.

No mesmo mês de dezembro, de 2004, no dia de natal, a primeira voz discordante, Pizzotti, criou a Ação Integralista Revolucionária, a AIR, reivindicando para si a "autoridade moral" na liderança do movimento e das forças Integralistas por ter recebido apoio, em outras ocasiões de importantes líderes do integralismo.

Em janeiro de 2005, na Casa Plínio Salgado, seria fundada a Frente Integralista Brasileira (FIB). A FIB seria formada por antigos frequentadores do CCPS, de São Gonçalo, e da própria “Casa”. Congregaria, também, ex-integrantes do CEDI e militantes do Núcleo Integralista do Rio de Janeiro. A FIB, defendendo a interpretação fiel da Doutrina ao seguir as diretrizes apontadas pelo Chefe Plínio Salgado, com base na leitura do Manifesto de 1932, mantém como suporte as Encíclicas Papais Rerum Novarum e Quadragesimo Anno, defendendo como base do integralismo, as regras de organização política, econômica e social sob o primado do “espírito”, católico primordialmente. Os participantes da FIB estão, em maior proporção, em São Paulo e no Rio de Janeiro, mas os sites do movimento apontam a existência de vários núcleos físicos e virtuais por todo o Brasil.

Outra corrente que se estabeleceria com uma nova leitura da Doutrina do Sigma seria a do Movimento Integralista Linearista do Brasil. O MIL-B segue uma linha de interpretação filosófica própria do grupo, o Linearismo que, apesar de dizer-se inspirado na Doutrina, presume-se “mais avançada”, pois incorporaria “terrenos científicos e filosóficos mais atuais” .

A partir desses grupos, outros foram criados, filiados ou não às denominações escolhidas: FIB, MIL-B ou AIR. Sendo que, alguns novos intelectuais das décadas de 1990 e seguintes, permaneceram independentes, mas, de algum modo ainda participam dos debates sobre o integralismo atual, renovando constantemente a sua história, buscando em toda extensão da produção doutrinária, elementos para sua reatualização.

Nos últimos anos, multiplicaram-se, com novos núcleos e ainda mais “novos” integralistas, os sites, blogs, orkuts, facebook que defendem as premissas integralistas.

Os principais grupos, a FIB e o MIL-B ainda permanecem alimentando seus sites com novas discussões sobre a Doutrina e sobre os rumos do movimento. A AIR não tem se manifestado como grupo, há alguns anos. Somente seu criador, Pizzotti, esporadicamente tece algum comentário sobre o movimento atual e sobre os trabalhos dos pesquisadores do integralismo. As suas críticas, geralmente são dirigidas aos membros da FIB. Em algumas ocasiões, ainda no início das atividades do MIL-B, Jenyberto foi convidado para palestrar, como na ocasião da inauguração da Sociedade

de Estudos Nacionalistas e Espiritualistas (SENE), órgão doutrinário do MIL-B. O advogado Anésio também era convidado para algumas comemorações dos linearistas.

O acesso público a estas discussões entre os atuais grupos integralistas, permite-nos acompanhar as divergências entre estes, que vão desde críticas às interpretações doutrinárias até ataques pessoais.

Na guerra pelo reconhecimento como os “verdadeiros integralistas”, os militantes de ambos os grupos ampliam suas redes de divulgação doutrinária pela internet. São blogs, orkuts, lojas virtuais, sites sobre a história dos líderes e do movimento, os meios que os “neointegralistas” do século XXI utilizam para chegarem ao mais longínquo “lar brasileiro”, como faziam as “bandeiras” dos anos 1930.

A FIB ainda mantém virtualmente a página do Instituto Plínio Salgado criado para a divulgação e estudo doutrinário. Para vendas de produtos do movimento, contam com o site Tenda Verde . Pela net, também se pode acompanhar as notícias da FIB, através do seu informativo oficial, o Ação! cujo lema é uma frase do Manifesto de 1932: "Nós somos a Revolução em marcha. Mas a revolução com ideias. Por isso franca, leal e corajosa". Com o blog “O Sigma Reluzente”, a FIB mantém as conexões com outros blogs e informativos dos grupos formados a partir de suas leituras doutrinárias. Como as gerações anteriores fizeram para reunir, e controlar a doutrinação e as informações sobre o movimento, as lideranças da FIB criaram a “Ação dos Blogs Integralistas” que teria como finalidade: “listar os Blogs e Portais Integralistas, bem como aqueles que não o sejam, mas, tenham Mensagens ou Informações que julgemos de relevância para o Povo Brasileiro”.

Em homenagem a Arcy, o Núcleo Integralista do Rio de Janeiro (NIERJ), ligado à FIB, criou o Centro Cultural Arcy Lopes Estrella. E, no mês de fevereiro deste ano de 2012, a FIB realizou seu IV Congresso que pretendeu elaborar “linhas gerais das estratégias políticas” para o movimento e para o Brasil .

Por todas as gerações que o movimento atravessou, os integralistas construíram e ainda constroem sua história que encontra outras interpretações na produção dos pesquisadores do tema, com os instrumentos da História: a pesquisa de fontes, as análises historiográficas anteriores e coevas e ainda a observação participante, tomada de empréstimo da Antropologia. Entre tantos pesquisadores do integralismo, parte dessa

história pode ser acompanhada nas pesquisas empreendidas tanto por historiadores, como por antropólogos, sociólogos e educadores que fazem parte do Grupo de Estudos sobre o Integralismo (GEINT), criado a partir do encontro de dois pesquisadores, Renato Dotta e Rodrigo Christofoletti, no XXI Simpósio Nacional de História da ANPUH, (Associação Nacional de História), realizado em julho de 2001, na cidade de Niterói. Com o intuito de reunir outros pesquisadores do integralismo e, também, com o propósito de divulgar o acervo de Plínio Salgado, guardado no Arquivo Municipal de Rio Claro, os dois historiadores organizariam o I Encontro do GEINT, em outubro de 2002. Daí em diante, cresceram às adesões ao grupo, que já prepara seu 5º. Encontro. O GEINT está organizado como Grupo de Pesquisa, inscrito no Diretório do CNPq e tornou-se Grupo de Trabalho na Associação Nacional de História (ANPUH), com tema mais abrangente: História dos Partidos e Movimentos de Direita.

Os trabalhos dos pesquisadores são constantemente observados pelos atuais integralistas que os analisam, criticam e mesmo os utilizam como apoio aos seus argumentos . O embate maior é provocado pela crítica dos integralistas quanto a inclusão do integralismo entre os fascismos, em grande parte da historiografia. Defendendo a especificidade do movimento, os militantes construíram, ao longo da sua história, a negação dessa relação.

E este debate não é atual. Como não é atual, as lutas dos historiadores pela História que, em todos os tempos e espaços, diante de seu vivo e atuante objeto, se expõem à cada nova questão, à tantas outras novas questões. E, no constante trabalho da História, a vivem.

Referências

ALMEIDA, Alexandre. **Skinheads: “os mitos ordenados” do Poder Branco paulista.** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, Dissertação de Mestrado, 2004.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. **Integralismo e ideologia autocrática chauvinista regressiva: crítica aos herdeiros do sigma.** Marília: UNESP, 2012.

CALDEIRA NETO, Odilon. **Integralismo, neointegralismo e antissemitismo: entre a relativização e o esquecimento.** Dissertação de Mestrado. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2011.

CALIL, Gilberto. **Integralismo e Hegemonia Burguesa: a invenção do PRP na política brasileira (1945-1965).** Cascavel: EDUNIOESTE, 2010.

_____. & SILVA, Carla. **Velhos Integralistas – A memória de militantes do Sigma.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

CARNEIRO. Márcia. **Velho militante e novo integralismo- memória do integralismo no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Anais do IX Encontro Regional de História - História, Memória e Comemorações, 2000.

_____. “Eis que desponta outro arrebol”. O caminho traçado pelo boletim Alerta e o alvorecer da chamada 4ª. Geração integralista. In GONÇALVES, Leandro & SIMÕES, Renata. **Entre Tipos e Recortes: histórias da imprensa integralista.** Guaíba: Sob Medida, 2011.

_____. **A busca incessante pelo Sigma: o integralismo no século XXI.** São Luís: Universidade Estadual do Maranhão - Anais do IV Simpósio Nacional Estado e Poder: Intelectuais, 2007.

CHRISTOFOLLETI, Rodrigo. **Biografias coletivas: as três gerações da Enciclopédia do Integralismo.** São Paulo: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

Informativo CEDI, exemplar no. 2, novembro de 1999, p. 1.

SALGADO, Plínio. **A Quarta Humanidade**, 5ª. Ed. São Bento do Sapucaí/São Paulo: Espaço Cultural Plínio Salgado/GRD, 1995.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Os Fascismos. In REIS FILHO, Aarão; FERREIRA, Jorge e ZENHA, Celeste (orgs.) **O século XX – o tempo das crises**, vol.2: Revoluções, fascismos e guerras. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, pp. 109-164.

SILVA, Giselda Brito. O integralismo em Pernambuco na década de 1930. In **Clio – Série História do Nordeste**. Recife, v. 1, no. 18,1998, pp. 93-108

VICTOR, Rogério Lustosa. **O integralismo nas águas do Lete. História, Memória e Esquecimento**. Goiânia: UCG, 2005.

Referências Virtuais

Ação dos Blogs Integralistas: <http://acaodosblogsintegralistas.blogspot.com.br/>

Arquivo de Rio Claro:
http://www.guiarioclaro.com.br/materia_imprimir.htm?serial=140022891

Café História: <http://cafehistoria.ning.com/profiles/blog/list?user=1xw60xcnkhomh>

Café História - Blog do Leandro Claudir: <file:///C:/Users/seven/Documents/as-diferencas-entre-o.htm>

Frente Integralista Brasileira <http://www.integralismo.org.br/novo/?cont=795&vis=>

Integralismo: História e Doutrina: <http://integralismohistoriaedoutrina.blogspot.com.br/>

Integralismo: <http://integralismo.blogspot.com.br/2011/04/democracia-integral.html>

Loja Virtual: Tenda Verde – FIB <http://www.tendaverde.net/#!audio>

Movimento Integralista e Linearista Brasileiro
<http://www.integralismolinear.org.br/site/>

O Sigma Reluzente: <http://osigmareluzente.blogspot.com.br/2010/04/divulgando-o-integralismo-pelo-brasil.html>

Pensamentos AIR: <file:///C:/Users/seven/Documents/pensamentos.htm>

PSOL: novopartidosp@grupos.com.br

Sem Prolixismo: <http://semprolixismo.wordpress.com/tag/rio/>

A Revoada dos Galinhas Verdes
[http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=5203479262858838052&cmm=6262398
&hl=pt-BR](http://www.orkut.com/Main#CommMsgs?tid=5203479262858838052&cmm=6262398&hl=pt-BR)

Sites de vídeos: MIL-B: <http://www.integralismolinear.org.br/site/>

FIB: <http://www.integralismolinear.org.br/site/>